



Relações de Gênero na Infância: Uma Experiência na Escola Democrática

Gender Relations in Childhood: An Experience at the Democratic School

RESUMO

Este artigo examina a construção social do gênero, procurando entender como as crianças de uma escola particular com princípios democráticos na cidade de São Paulo elaboram as interações de gênero. O trabalho parte da hipótese de que um espaço pedagógico libertário pode criar possibilidades de construção de um caminho na busca por relações sociais infantis que não siga padrões binários sexuais rígidos. Assim, buscou-se observar quais eram as concepções de feminilidade e masculinidade no ambiente escolar e, também, em que momentos os pertencimentos de gênero foram flexíveis nas escolhas individuais e coletivas, se causavam distanciamentos ou aproximações, conflitos ou parcerias. Por meio das abordagens dos Estudos Sociais da Infância e dos Estudos sobre as Relações de Gênero, a pesquisa de campo foi realizada no primeiro semestre de 2014, com 21 alunos e alunas entre 6 e 21 anos. Os resultados apontam para um ambiente aberto a novas construções e ressignificações devido à permanente transitoriedade de pesquisadores e estagiários, assim como de alunos, alunas, educadores e educadoras. A abertura às novas aprendizagens e a novas formas de pensar, assim como a abertura do espaço educacional para a comunidade, proporciona debates e reflexões que podem motivar uma nova forma de lidar com o conhecimento, desconstruindo eventualmente concepções que causam desigualdades sociais.

Palavras-chave: Educação. Escola Democrática. Ambiente Escolar. Gênero. Infância.

ABSTRACT

This article examines the social construction of gender in children, trying to understand how children from a private school with democratic principles in the city of São Paulo elaborate gender interactions. The work starts from the hypothesis that a libertarian pedagogical space can create possibilities for building a path in the search for children's social relationships that do not follow rigid sexual binary patterns. Thus, we sought to observe which were the conceptions of femininity and masculinity in the researched school environment and, also, in which moments the belongings of gender were flexible in the individual and collective choices, if they caused distances or approximations, conflicts or partnerships. Through the approaches of Social Studies of Childhood and Studies on Gender Relations, the field research was carried out in the first semester of 2014, with 21 male and female students between 6 and 21 years old. The results point to an environment open to new constructions and resignifications due to the permanent transience of researchers and trainees, as well as students, male and female educators. The openness to new learning and new ways of thinking, as well as the opening of the educational space to the community, provides debates and reflections that can motivate a new way of dealing with knowledge, eventually deconstructing conceptions that cause social inequalities.

Keywords: Education. Democratic School. School environment. Genre. Childhood.

BORGES, Divimary

Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Docente na Universidade Brasil.

ORCID Id: <https://orcid.org/0000-0002-9952-2161>

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Como mulher, assim como professora, minha percepção sobre a desigualdade social do gênero feminino não me eram indiferentes. Sempre permearam minhas vivências, tanto pessoais como profissionais. Mas foi no início do processo de mestrado que realmente me aprofundei nas questões de gênero.

Com este aprofundamento no estudo histórico e conceitual das desigualdades que permeiam tudo que é relacionado ao “feminino”, pude também contar com um movimento de reconstrução pessoal, de reformular tudo o que estava (nunca acabado) naturalizado porque nascemos e somos criados dentro de uma leitura de mundo, de uma história androcêntrica cultural. Entender que tudo que tange às masculinidades e às feminilidades é relacional, que é uma construção social (SCOTT, 1995) e que, portanto, pode ser mudado, levou certo tempo. Penso que é um exercício contínuo, em constante processo.

Na área da Educação, à qual pertença, a primeira iniciativa de investigação era em um contexto público, ou seja, em uma escola pública. Porém, com o passar do tempo, depois de realizar várias leituras e por meio de novas descobertas, percebi que esse já era um campo com muitas produções. Já existiam muitas análises, inclusive sobre as questões de gênero, apontando uma tendência à manutenção de um sexismo que persiste na sociedade e, portanto, que permeia as famílias e influenciam as crianças.

A partir desta visão, conversando sobre esta problemática com um colega, surgiu então a ideia de investigar uma instituição diferente, talvez progressista. Progressista e particular, já que ambos os campos haviam despertado em menor proporção o interesse da academia. Decidida, fui em busca de acolhimento da minha pesquisa mandando e-mail para algumas escolas. Uma delas aceitou que eu fizesse minha observação durante um período de seis meses. Com esse artigo quero, portanto, contar um pouco sobre essa experiência, minhas análises e algumas conclusões que chegue à disposição dos educadores ao permitirem se defrontar com questões que até pouco tempo não era problematizado.

A pergunta que regia meu olhar empírico sobre as 20 crianças que investiguei era: Como as crianças constroem suas relações de gênero inseridas em uma pedagogia que, pelo menos a priori, imaginamos libertária?

Proponho a investigação da socialização das crianças como uma autonomia na qual elas reproduzem, mas também produzem, seus posicionamentos de meninos e meninas em um espaço em que a livre iniciativa é proporcionada como princípio pedagógico.

Para isso, foi importante a escolha de uma escola que rompesse com o modelo de escola que

conhecemos como “tradicional”, sob outra perspectiva. Sabemos que as características femininas e masculinas estão dispostas simbolicamente de maneira binária ainda nos dias de hoje, e que as crianças já percorreram um caminho social até chegarem à escola; porém, se o gênero é construído por meio das relações, então as meninas e os meninos também constroem significados individuais entre suas diferenças sexuais de forma flexível e plural.

Além disso, como diz Conell (2009), as crianças têm capacidade de criarem seus modos de serem meninas e meninos se engajando nesse processo mediante resistências e dificuldades nas interações. Portanto, se considerarmos as condições mais favoráveis em que se respeitem suas ludicidades, criações e desejos, haveria também condições desses agentes alargarem e modificarem os conteúdos simbólicos da cultura em que vivem.

É necessário frisar também minha experiência pessoal dentro de uma instituição tão diferente das que conhecia até então. Não foi sem estranhamento que adentrei em uma instituição com princípios pedagógicos democráticos na qual não havia salas com carteiras enfileiradas, em que havia a participação de todos nas decisões sobre as regras para boa convivência, dentre outros.

Neste contexto, ler “A República das Crianças”, de Helena Singer, foi fundamental. Essa preparação teórica antes da minha entrada me ajudou a compreender a essência deste movimento, que é caracterizada pela autonomia das crianças e cuja origem está localizada na Rússia, em 1857, com a Escola de Yasnaia-Poliana por Liev Tolstói. Na prática, observar as crianças indo e vindo conforme suas vontades e interesses era uma novidade e a sensação de desconforto inicial me levou a confrontar meus limites, do meu universo simbólico, com maior nitidez ao reconhecer outros territórios. Estabeleci um olhar sem juízos de valor como enfoque etnográfico, um posicionamento que pretendia desnaturalizar e refletir a assimilação da cultura e hábitos de um espaço com o qual não estava acostumada.

Através da convivência, me impregnei dos valores e comportamentos, acompanhando a rotina diária e anotando tudo em um diário de campo, inclusive minhas impressões.

2 METODOLOGIA

A dúvida seguinte seria: como agir na interatividade com as pessoas que compunham aquele lugar? As experiências etnográficas de Corsário (2009) em uma escola italiana marcaram meu posicionamento perante as crianças para conseguir obter uma visão “de dentro” de suas relações, objetivo principal da pesquisa.

Assim, aguardei a aceitação delas, conforme a construção de cumplicidade, para uma



aproximação. Consegui estabelecer uma posição não-hierárquica ao mantê-las no comando da aproximação. Ao respeitar suas vontades como sujeitos de ação e de direitos, com a conquista da confiança e da cumplicidade, percebi suas capacidades de ação e reflexão. A Sociologia da Infância (MARCH, 2011), hoje, é um campo novo que passa a considerar a criança como ser produtor de uma cultura infantil na qual reinventa e reproduz o mundo que a rodeia (SARMENTO, 2004). Essa metodologia foi a base de toda a atividade empírica.

A partir destes princípios, no primeiro semestre de 2014, fiz minhas observações e as anotações foram em detalhe registradas, no tocante às relações entre meninas e meninos, para posterior reflexão e análise: mecanismos de aproximações e distanciamentos, quando o gênero interfere nas escolhas, quais são os agrupamentos e em que ambientes escolares se delimitam ou não, dentre outros. Quem faz uma pós-graduação cuja pesquisa se pretende qualitativa sabe que o período que temos para desenvolver todo este processo é por vezes curto, e o trabalho nos parece sempre inacabado. Porém, citarei a seguir algumas considerações que consegui trazer a tona. Algumas por se apresentarem logo no início de forma clara; em outros momentos, por se revelarem de maneira persistente. Vale lembrar que as pistas que desvelam o cotidiano tais como vivenciadas é um processo constante de construção individual com identificações que se transformam continuamente, conforme Melucci (2004) coloca no conceito de identização.

3 O GÊNERO NA INFÂNCIA

Logo nos primeiros dias participei de uma reunião que acontece semanalmente na escola, chamada de Assembleia. Nesta ocasião, tanto professores e professoras como as crianças, conversam sobre a organização do material escolar, dos horários, da ocupação dos espaços, dos comportamentos etc. Em outras palavras, todos colaboram para que haja benefícios na convivência coletiva.

Nesse momento, mapeei, dentro de uma roda na qual os agentes estavam dispostos em uma roda, que meninas sentaram de um lado e os meninos de outro. A disposição espacial foi representada por meio da oposição homóloga entre masculino e feminino. Conversando posteriormente com os educadores, eles não haviam se atentado a isto até então.

A partir desta observação, procurei entender os significados de masculinidade e feminilidade de acordo com a construção social estabelecida naquele ambiente em particular para alcançar as concepções das crianças por meio de suas falas e comportamentos. Nas brincadeiras com uso de fantasias, por exemplo, o menino se intitulava “prefeito”, enquanto as outras três meninas que brincavam junto eram de “madame”, “fada” e “empregada”. Desta vez pude considerar mais um par



homólogo de representação simbólica do forte/frágil, assim como uma posição hierárquica. Durante o lanche, apesar de teoricamente todos terem o dever em colaborar com a limpeza do ambiente, os meninos resistiam em participar.

Uma observação importante foi perceber a reprodução dos simbolismos femininos e masculinos nos espaços escolares. Para além do momento da Assembleia, cujo resultado da disposição das crianças já foi apresentado acima, se repetiu por diversas vezes, resolvi fazer algumas anotações quantitativas sobre os agrupamentos de meninos e meninas em outros momentos.

Observei que os meninos se apropriaram do espaço “dos computadores”, que ficava em uma sala no andar superior, enquanto as meninas se dividiam em alguns grupos transitórios e espalhavam-se pela escola. Os meninos permaneceram neste espaço em seus tempos livres durante toda minha permanência de pesquisa, já as meninas que por vezes tentavam interagir com os meninos sem sucesso, percorriam e ocupavam todos os espaços. Cito em meu trabalho (BORGES, 2015) outras pesquisas que revelam que as meninas aproximam-se mais dos meninos em todas as faixas etárias, como ocorreu durante minha pesquisa.

Para além de outras observações realizadas, esta foi importante para a percepção da manutenção constante da constituição das identidades masculinas. Primeiro, pela desvalorização do universo feminino, ao se afastarem das meninas e nem sequer realizarem qualquer movimento de aproximação. Este fato ganhou evidência quando entrou na escola um menino novo. Ele aceitou entrar em uma brincadeira em que só havia meninas. Os meninos também entraram na atividade durante um primeiro momento, para, logo em seguida, o levarem para a sala dos computadores. Segundo, quanto à fiscalização entre pares, buscando a manutenção das masculinidades. Os meninos “mais velhos” exerciam um efeito controlador (ALMEIDA, 1995) que os afastava do universo feminino.

Com a disposição de maior tempo livre do que nas escolas comuns, ficou mais nítida a percepção da organização dos espaços e tempos pelas crianças através de suas escolhas, assim como a resistência dos meninos contra a permeabilidade de posicionamentos de gênero que tratava de reforçar um contínuo trabalho de “fronteiras das relações de gênero” (CORSARO, 2011, p. 182) entre os grupos.

4 CONCLUSÕES

Apesar de usar, neste artigo, apenas algumas passagens utilizadas nas categorias de análise de minha dissertação de mestrado (BORGES, 2015), considero estas algumas das mais relevantes de minhas impressões sobre a apropriação da divisão sexual binária entre as crianças.

Apesar de uma tendência crescente a uma nova abordagem sobre o pertencimento de gênero e sexualidade nos cinemas, na música, nos programas de televisão ou nos movimentos feministas, ainda



caminhamos a passos lentos na prática do dia a dia, especialmente na área da Educação.

A escola se apropria pouco das transformações sociais, submersas em uma visão normatizante, colocando o androcentrismo como neutro sem abrir espaços de debates para deslegitimá-lo. Se considerei que uma escola com princípios democráticos, com horizontalidade das hierarquias do saber e das relações, poderia levar à caminhos mais questionadores, isto não ocorreu. É preciso criar pedagogias realmente inovadoras na quebra dos padrões, como diz Moreno (1999).

Os educadores e as educadoras se posicionaram de forma acolhedora perante minha pesquisa, ficaram interessados nos resultados, me ajudaram a realizar uma dinâmica para investigar as reflexões das crianças sobre os comportamentos de meninos e meninas. Nesta, uma das meninas fez uma fala surpreendente: “pensando bem, é mais fácil menina brincar com brinquedo de menino ou usar roupas pretas, azuis, do que menino gostar de rosa”, demonstrando sua compreensão dos posicionamentos de gênero naquele ambiente.

Acredito que minha permanência tenha sido uma troca vindoura e que tenha causado interesse naqueles profissionais em se atentar para estas questões a partir desta experiência, o que podemos apontar como uma característica promissora devido à disposição dos educadores ao permitirem se defrontar com questões que até então não problematizavam.

Ressalto que percebi a notável flexibilidade das feminilidades entre as meninas, resignificando múltiplas formas de ser menina para além de valores simbólicos femininos, como a extroversão e a ocupação dos lugares de forma ampla. Talvez, os movimentos feministas tenham propiciado uma abertura de fronteiras que hoje estão fazendo parte do quadro de novas dinâmicas de ação de meninas e mulheres.

Não nos espantamos, por exemplo, com mulheres jogando futebol, mas não consideramos com a mesma naturalidade o fato de meninos brincarem com bonecas ou dançarem balé. Por isso, o controle rígido por parte dos meninos na escola pesquisada na manutenção das suas masculinidades talvez seja um reflexo da pouca flexibilização da masculinidade também na sociedade. Sendo assim, resta à educação e à escola, apesar de ser um espaço de manutenção, mas também servir como um lugar de transformações, oferecer um ambiente favorável às desconstruções de padrões engessados que não nos servem mais, enquanto sociedade.

Acrescento ainda, em minhas considerações finais, a importância de olhar com particular atenção para as construções de masculinidades que estão se formando no interior das escolas. A invisibilidade das mulheres na presença de livros didáticos, literários, dentre outros materiais utilizados pela escola, colaboram para a manutenção da desigualdade de gênero. Isto pode (e deve) ser desconstruído pelos(as) profissionais da Educação.



A disseminação sobre os direitos das mulheres privilegiou a promoção da mobilização de mulheres, criando um panorama com variadas produções de livros, filmes, programas que viabilizam diálogos e reflexões.

Conhecer a história de mulheres que exerceram importantes papéis sociais como Dandara, na demonstração de resistência à escravização do povo africano, ou Bertha Lutz, como alguém que lutou pelo direito ao voto das mulheres, assim como Malala na luta pelo direito ao estudo das meninas, contribui para uma visão múltipla das feminilidades, com representações de mulheres tão fortes, lutadoras e admiráveis quanto os homens que estudamos reiteradamente durante o percurso escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ana Maria F. A escola dos dirigentes paulistas. Tese de doutoramento em UNICAMP. Campinas, 2002. ALMEIDA, Ana Maria F. Um colégio para a elite paulista. In: ALMEIDA, Ana Maria F., NOGUEIRA, Maria Alice (orgs). **A escolarização das Elites**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

ALMEIDA, M. V. **Senhores de si**: uma interpretação antropológica da masculinidade. Oeiras: editora Celta, 1995.

BORGES, D. **Relações de gênero na infância**: uma experiência na escola democrática. Mestrado em Educação. Área de Concentração em Sociologia da educação. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. 2015. 118f.

CARVALHO, Marília P. de. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. Florianópolis: Rev. Estud. Fem. vol.9, no.2, 2001_. Quem são os meninos que fracassam na escola? **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 121, p.11-40, jan./abr. 2004a.

CARVALHO, Marília P. de. Gênero, raça e avaliação escolar: um estudo com alfabetizadoras. **Cadernos de Pesquisa**, v. 39, n. 138, pp.837-866, 2009.

CONNELL, Raewyn. **Gender**: short introductions. Cambridge/Malden: Polity Press, 2009.

CORSARO, William A. A reprodução interpretativa no brincar ao "faz-de-conta" das crianças. Educação, Sociedade e Cultura: **Revista da Associação de Sociologia e Antropologia da Educação**, Porto, v. 17, p. 113-134, 2002



MARCHI, Rita de Cássia. Gênero, infância e relações de poder: interrogações epistemológicas. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 37, p. 387-406, jul./dez. 2011.

MELUCCI, Alberto. Sociedade complexa, identidade e ação coletiva – entrevista a Dalila Pedrini e Adrian Scribano. In: **Cadernos do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Movimentos Sociais – movimentos sociais na contemporaneidade**. São Paulo: PUC-Serviço Social, n. 2, pp. 11-63, abr. 1997.

MORENO, Montserrat. **Como se ensina a ser menina**: o sexismo na escola. São Paulo: Moderna, 1999.

SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVÊA, Maria Cristina Soares (orgs.). **Estudos da infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2008. (Coleção Ciências Sociais da Educação).

SINGER, Helena. **República de crianças**: uma investigação sobre experiências escolares de resistência. São Paulo: HUCITEC, 1997.